

A arte resiste à censura?: reflexões contemporâneas

Does art resist censorship?: contemporary reflections

Deborah Moreira de Oliveira¹⁵
Thaynã Silva Targa¹⁶
Thays Alves Costa¹⁷

Resumo: Este estudo tem como objetivo refletir sobre os casos de censura e proibição nas artes, sobretudo na contemporaneidade. Recentemente, sofremos ataques no campo artístico e cultural, motivados pela ideia de moral e pelo extremismo religioso. Seleccionamos casos em âmbito nacional que envolvem as obras de arte. Trata-se de produções como: a exposição Queermuseu (2018), fechada após boicote e a propagação de *fakenews* a respeito das obras; a história em quadrinhos Vingadores - A Cruzada das Crianças, da Marvel, que retratava o beijo de um casal homoafetivo, exposta na Bienal do Livro (2019), a qual o prefeito do Rio de Janeiro, Crivella, solicitou que fosse censurada, por acreditar que o conteúdo era impróprio para crianças; a performance *Freedom Kick* (2020), do coletivo Indecline, que simulou um jogo de futebol cuja bola era uma representação da cabeça do presidente Jair Bolsonaro. Os casos de intolerância e de violência crescem no Brasil, inclusive contra as expressões artísticas, por isso, nossa intenção está em expor e refletir sobre eles.

Palavras-chave: Arte; Arte contemporânea; Política; Censura; Violência.

Abstract: This article aims to investigate censorship and prohibition cases in the art field, especially in the contemporaneity. Recently, we suffer attacks in the cultural and artistic field motivated by the idea of moral and religious extremism. Thus, we select cases in the national scope that involved works of art. This happened in productions like Queermuseu (2018) exposition - closed after a boycott and the propagation of fakenews about the works; Other production is the HQ Vingadores - A cruzada das Crianças by Marvel, exposed in the Bienal do Livro (2019) - which portrayed a kiss from a homoaffective couple - that in January, the mayor Crivella requested censorship for believing that the content was improper for childs; So as the performance Freedom kick (2020) from the Indecline collective, that simulated a football game which the ball was the representation of the president Jair Bolsonaro head. The cases of intolerance and violence seems to grow in Brazil, including against the artistic expressions, therefore, our intention is to expose and reflects about it.

Keywords: Art; Contemporary art; Politics; Censorship; Violence.

¹⁵ Atua como artista, pesquisadora e professora. Tem experiência em curadoria. É mestra em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018) e possui licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2016). Desenvolve pesquisa sobre arte e política na América latina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0765147747567141> E-mail: deborah.mo93@gmail.com

¹⁶ Mestra em Teoria e História da Arte - PPGA - UFES. Possui bacharelado em Artes Plásticas pela mesma instituição. Participou do Coletivo LARANJA (2016-2019) em que desenvolveu pesquisas poéticas através de problemáticas urbanas, além disso, já trabalhou em diversos campos multidisciplinares da arte. Atualmente, desenvolve consultoria independente e se dedica à pesquisa da arte contemporânea e das novas tecnologias. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4060004488892263> E-mail: targathayna@gmail.com

¹⁷ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestrado em Artes pela Ufes (2018). Licenciatura em Artes Visuais pela Ufes (2015). Desenvolve pesquisa sobre Arte Bruta. Integra o grupo de pesquisa Crítica e experiência estética em Gerd Bornheim e o projeto Vida e obra de Gerd Bornheim: correspondência, recensões e datiloscritos originais sobre Filosofia da Arte e História da Filosofia. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2761-8532> E-mail: tizepeixe@gmail.com

Introdução

As disparidades entre meios comunicativos e produções artísticas são constantes nos campos moderno e contemporâneo da arte. Com os canais informativos mais ativos, principalmente em meados da década de 1960, vimos a potencialização de uma arte que se apropriara desses meios, rememorando as estratégias das vanguardas artísticas (sobretudo o dadaísmo), como uma espécie de subversão para expor outras visões. Nesses atritos, percebemos a incidência de um conceito de censura. O pensador Jacques Rancière, em a “Partilha do sensível” (2000), refletiu sobre a divisão do estético, analisando a distribuição das formas da arte no âmbito do comum. No entanto, essa partilha do sensível não atuaria somente em relação à propagação da experiência artística, mas também teria que ver com a delimitação dos espaços e dos tempos da arte, recortando-a em um determinado contexto e grupo social, atuando como uma espécie de censura.

As práticas estéticas são formas de criar visibilidades no comum, pois possuem lugares de ocupação e funções nesse mesmo quadro. Elas podem ser utilizadas pelo poder de forma consensuada para manter uma ordem. Nesse sentido, as práticas artísticas que operam com a disruptura e possibilitam a visualidade do não visível no comum, são frequentemente censuradas, essas operariam no âmbito do dissenso.

Na ditadura militar brasileira (1964 -1985), por exemplo, podemos ver o controle do comum sendo reiterado pelo jogo censurador. A censura foi o dispositivo utilizado pelo governo para impedir que os artistas expressassem seus posicionamentos contrários aos absurdos e a extrema violência provocada pelos militares. Podemos perceber que os regimes autoritários sempre buscam estabelecer o controle através do domínio dos meios de comunicação como forma de legitimar o poder e reprimir os avanços da oposição. Desse modo, “a informação é exatamente o sistema do controle”¹⁸

¹⁸ No Brasil, a palestra proferida por Gilles Deleuze, em 17 de maio de 1987, aos estudantes da FEMIS, dentro do programa “Mardis de la Fondation”, filmada e transmitida em 18 de maio de 1989, sob o

(DELEUZE, 1987, p. 292), no sentido que é manipulada a favor de um governo ou instituição, por exemplo.

Nesse período, as leis de censura prévia foram criadas para impedir a circulação de informações contrárias ao regime, como o controle da imprensa, através da Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967. A partir de critérios morais, políticos e religiosos, essas leis ou dispositivos de controle eram inseridos, de modo que determinadas informações não chegassem à população. Existiam equipes ou grupos responsáveis por selecionar e/ou censurar determinadas obras, principalmente, no que diz respeito ao acesso ao material produzido pela imprensa e os jornais de oposição. Podemos afirmar que a informação era exatamente “um conjunto de palavras de ordem [...] nos informam, nos dizem o que julgam que devemos crer” (Idem), por isso, o acesso à informação é algo valioso, podendo ser decisivo em diversas situações em que a democracia está em risco.

Na contemporaneidade, o Brasil regressa ao inóculo deixado pela ditadura em tempos passados. Liderado por Jair Bolsonaro, presidente eleito sob apoio de grupos religiosos através do bordão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, manifestando a sua afeição pela moral e bons costumes, assim como manda o “patriotismo” ou as estratégias de alcance popular, por meio da crença religiosa. Percebemos uma “retomada” das práticas bem comuns na ditadura militar brasileira, como: a utilização da bandeira de modo ufanista; a ideia de uma superioridade de um grupo social perante outros; a noção de uma suposta opressão e degeneração de um grupo minoritário em relação a um grupo patriota. Como consequência, os detentores do poder retaliam as manifestações contrárias ou os pensamentos que vão contra a palavra hegemônica.

Na última década, tais episódios foram reforçados de forma opressora por grupos nacionalistas e conservadores que, em sua maioria, apoiam o atual presidente. O antropólogo Ronaldo de Almeida (2019) trata esse fenômeno

título *Qu'est-ce que l'acte de création?*, foi publicada no livro “O Belo Autônomo”, de Rodrigo Duarte (DELEUZE, on: DUARTE, , 1997, p. 387-398).

como “onda conservadora”.¹⁹ A censura é reforçada, nesses grupos, como uma forma de erradicação de pensamentos contestadores das premissas conservadoras, como é demonstrado ao longo deste artigo. Essas ações ameaçam a democracia e a liberdade de expressão, pois instauram, em um campo discursivo, uma ideia de dissolução de um debate político. Algo interessante e que pode ser usado como associação a este pensamento, é a ausência do próprio presidente Jair Bolsonaro nos debates políticos, durante a disputa eleitoral, nas mídias comunicativas. Tal posicionamento reforça a noção de inutilidade de um campo de ideias contrárias, que devem ser discutidas e relacionadas em um debate, como um jogo democrático. Isso auxilia o extremismo de uma corrente de pensamento em detrimento da outra, já que acentua a ideia do outro como um suposto inimigo, cujas ideias deveriam ser aniquiladas.²⁰

Do “Queermuseu” (2017) à exposição “Todxs xs santxs - renomeado - #eunãosoudespesa” (2020): as questões relativas à sexualidade incomodam

Um evento extremamente importante para percebermos a retomada da censura, de forma explícita, foi o fechamento da exposição “Queermuseu”.²¹ A exposição ocorreu no Santander Cultural, em Porto Alegre, em meados de 2017. Ela reuniu 270 obras, em um longo debate acerca da temática LGBTQIA+. A exposição fora acusada de apologia à zoofilia, à pedofilia, de vilipêndio religioso, etc. por grupos conservadores e religiosos, sobretudo provenientes de sites utilizados pelo MBL – Movimento Brasil Livre. Entre as

¹⁹ Para compreender melhor acerca dessas organizações do público político comentado aqui: Cf. ALMEIDA, 2019.

²⁰ A teórica belga Chantal Mouffe (2007) em seu livro “*Práticas artísticas y democracia agonística*”, ressalta que a supressão da diferença da relação NÓS-OUTROS faz com que essa relação se torne antagônica, assim se tornando AMIGOS-INIMIGOS, em que as diferenças não deviam ser discutidas, mas sim aniquiladas.

²¹ A exposição “Queermuseu” apresentava uma reflexão atual sobre a diversidade sexual e questões de gênero, entre as obras expostas estavam dos artistas brasileiros renomados como Adriana Varejão, Alfredo Volpi, Alair Gomes, Candido Portinari, Flávio de Carvalho e Lygia Clark. A mostra reunia obras de 85 artistas que se expressavam em diversas linguagens artísticas, como pintura, escultura, instalação e objetos de arte. O banco Santander (responsável pela exposição) decidiu se sujeitar as opiniões preconceituosas que eram movidas pela ignorância de grupos religiosos e do MBL, a respeito das artes, fechando a exposição antes da data prevista. A exposição foi reaberta no Parque Lage, meses após o fechamento. Fonte: <https://www.bbc.com/>.

obras que provocaram as manifestações, estavam: “Cena de Interior II”, de Adriana Varejão; “Travesti da lambada e deusa das águas” (Figura 1), de Bia Leite; “Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva”, de Fernando Baril.

A “Queermuseu” foi uma fagulha de censura que demonstraria um jogo censuratório intenso sobrecaido o campo das artes. Ainda em 2017, fora censurada a performance “La Bête”²² de Wagner Schwartz, no Museu de Arte de São Paulo. No mesmo ano, um projeto de lei²³ que proíbe a exposição de nudez nas obras de arte no Espírito Santo foi aprovado. Essas práticas artísticas foram tratadas com muito sensacionalismo pela mídia e pela própria produção de *fake news* de grupos conservadores.

Nesse aspecto, percebemos que o que mais incomoda é o conteúdo relativo à sexualidade e à nudez. Afinal, as exposições tratavam de temáticas que se afastam da moral e ética cristã. A efetivação de discursos a partir de mídias computacionais, como fóruns, sites e redes sociais demonstra não só uma suposta liberdade pela quantidade de informação, que podemos adquirir e proliferar, mas uma manipulação que reforça a índole do discurso hegemônico.

Como utilizar dessas mídias sem ser capturado por uma manipulação discursiva? Foucault, no subcapítulo “A incitação dos discursos”²⁴, discorreu que, para dominar o sexo, seria preciso “primeiro, reduzi-lo ao nível da

²² “La Bête” (2015-Atual) é uma performance na qual o artista se apresenta nú manipulando uma escultura de plástico, como uma referência aos Bichos (1960) de Lygia Clark. Em seguida, o corpo do artista se torna o próprio bicho, podendo ser manipulado pelo público. Em 26 de setembro de 2017, após uma criança tocar o pé do artista durante a ação ocorrida no Museu de Arte de São Paulo, o trabalho se tornou alvo de críticas e perseguições. Quatro dias após o ocorrido, o Ministério Público abriu um inquérito para investigar as denúncias feitas sobre a performance. Segundo o jornal online El País, Wagner Schwartz diz ter recebido 150 ameaças de morte após as mais variadas acusações impulsionadas por grupos da extrema esquerda, inclusive a acusação de pedofilia. Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html

²³ O projeto de Lei 383/2017 movido por Euclério Sampaio (PDT) tinha como intuito a proibição da nudez nos espaços expositivos. A proposta definia como “teor pornográfico” as expressões artísticas ou culturais que continham fotografia, textos, desenhos, pinturas, filmes e vídeos que expunham o ato sexual e a nudez humana. Em 19 de fevereiro de 2018, deputados do Espírito Santo vetaram o projeto através de votação que ocorreu na Assembleia Legislativa de Vitória. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/deputados-vetam-projeto-que-proibe-representacao-de-ato-sexual-e-nudez-em-mostras-de-arte-no-es.ghtml>

²⁴ O autor inicia a discussão com uma reflexão sobre o sexo na sociedade burguesa do século XVII, apontando as transformações nos três séculos seguintes, enfatizando as questões relativas à repressão e ao silenciamento do discurso a respeito do sexo. (FOUCAULT1999).

linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível” (FOUCAULT, 1999, p. 20). Podemos fazer uma aproximação com o objetivo das sociedades conservadoras na atualidade. A interdição parece uma forma de silenciamento dos discursos, privando a sociedade da liberdade de expressão e do debate sobre a sexualidade, principalmente, nas questões relativas ao corpo da mulher e à homoafetividade. Dessa maneira, as instâncias que controlam os discursos tentam “por intermédios de proibições” (FOUCAULT, 1999, p. 20) impor o silêncio, como vimos na exposição “Queermuseu”.



Figura 1. Bia Leite. *Travesti da lambada e deusa das águas*, 2017. Foto de Leticia Heffer. Fonte: <<https://agenciauva.net/2018/09/11/ultimos-dias-para-ver-a-polemica-exposicao-queermuseu/>>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

As questões relativas à sexualidade acessam tabus que podem incomodar as pessoas que defendem ideais religiosos e pregam padrões de relacionamentos baseados na heteronormatividade, um exemplo disso

aconteceu na Bienal do Livro no Rio de Janeiro (2019), que é o maior evento literário brasileiro. Ao se escandalizar com a história em quadrinhos “Vingadores - A Cruzada das Crianças” (Figura 2), da Marvel, que ilustrava um beijo gay, Crivella, prefeito da capital carioca, ordenou que agentes retirassem o livro de circulação do evento. A tentativa de censura foi informada por vários canais de comunicação e teve sua revanche através das redes sociais, com o compartilhamento da imagem como forma de protesto. O caso teve intervenção do Supremo Tribunal Federal, por meio do pedido da procuradora Raquel Dodge. A decisão de Crivella foi derrubada. Mesmo que os episódios de tentativas de censura estejam se popularizando, Dias Toffoli afirmou que “o regime democrático pressupõe um ambiente de livre trânsito de ideias”,²⁵ em oposição ao discurso de controle de Crivella.



Figura 2. Allan Heisenberg e Jim Chueng. *Vingadores: a Cruzada das Crianças*, sd. Fonte: <<https://veja.abril.com.br/cultura/acao-da-prefeitura-na-bienal-revela-censura-dizem-oab-rj-e-iab/>>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

²⁵ O presidente do STF, Dias Toffoli, derrubou a decisão do Tribunal de Justiça do Rio, que permitia confisco da obra com temática LGBT. Toffoli reforçou o “livre trânsito de ideias” no regime democrático e destacou em sua peça judicial a decisão tomada pelo STF em 2011, quando foi reconhecido, pelo Supremo, o direito à união civil para casais formados por pessoas do mesmo sexo. Disse Toffoli que “Graças a esse ambiente pleno de liberdade, temos assistido ao contínuo avanço das instituições democráticas do país. Por tudo isso, a liberdade e os direitos dela decorrentes devem ser defendidos e reafirmados firmemente”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/08/toffoli-suspende-decisao-judicial-que-permitia-apreensao-de-livros-na-bienal-do-rio.ghtml>

Da mesma maneira que “Queermuseu” e a HQ da Marvel incitaram a fúria religiosa, “Todxs xs santxs - renomeado - #eunãosoudespesa” (2020), de Órion Lalli, foi censurada após a intensa campanha online de deputados filiados ao PSL (Partido Social Liberal). A obra que causou mais comoção foi uma fotomontagem (Figura 3), em que a cabeça da figura humana era a representação de uma santa com órgãos masculinos e femininos, com a frase “Deus acima de tudo, gozando acima de todos”. Sobre o episódio, o artista se pronunciou nas redes sociais: “Quero apenas deixar uma reflexão imagética sobre ícones, falar dessas imagens que povoam e atravessam o nosso imaginário e que de certa forma moldam a nossa maneira de pensar”.²⁶

Apesar da classificação para maiores de 18 anos, a exposição, que estava localizada no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, foi suspensa por ordem da Secretária Municipal do Rio de Janeiro. Sobre o caso de censura, o artista se manifestou, concedendo entrevista a Veja Rio, afirmando que “Estão dizendo que é a imagem de uma santa cristã, mas não é. É a minha santa. É o meu oratório. Precisamos falar sobre meu corpo que vive com HIV, [...] querem me acusar de algo, de um crime, que não cometi”.²⁷ Pode-se enxergar a interferência na liberdade de expressão sob influência dos fundamentos religiosos nas instituições, que deveriam ser laicas. A cada nova circunstância que ocorre nesse sentido, reforça-se o questionamento sobre a consistência de nossa democracia nos parâmetros atuais de governo.

²⁶ Pronunciamento do artista Orión Lalli em suas redes sociais, segundo o jornal online Veja Rio. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/>

²⁷ Entrevista concedida ao jornal online Extra Globo, publicado em 29 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/>.



Figura 3. Órion Lalli. *Sem título*, 2020. Fonte: <<https://oglobo.globo.com>>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

Outra situação que indica que os casos citados acima não são isolados, foi o ocorrido com o especial de Natal de 2019, do grupo Porta dos Fundos, “A Primeira Tentação de Cristo”. Ao trazer, de forma cômica, a figura de Jesus Cristo como homoafetivo, o episódio causou mais uma revolta nos grupos conservadores e religiosos, gerando manifestações nas redes sociais. Diante da circunstância, o desembargador Benedicto Abicair, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, solicitou a retirada do filme da plataforma de streaming Netflix, atendendo a uma ação movida pela Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura. Podemos observar, mais uma vez, a influência de fundamentalismos religiosos na justiça.²⁸

As charges de Latuff e a performance “Freedom Kick” (2020): não podemos criticar o atual governo?

Para Deleuze, a informação era um sistema de controle, uma forma das classes dominantes exercerem o domínio do povo. Por isso, as críticas de

²⁸Após ter sido suspensa pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 08 de janeiro de 2020, a exibição do Especial de Natal “A Primeira Tentação de Cristo”, teve sua exibição autorizada através da unanimidade de votação realizada pela Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal no dia 3 de novembro de 2020.

oposição aos governos totalitários são silenciadas. Desde que o atual presidente assumiu o poder e até antes disso, a censura esteve presente como uma tentativa de silenciamento, no que diz respeito às artes e ao exercício da imprensa. Um exemplo anterior à eleição presidencial são as fotografias de Janaína Reis, que foram retiradas a pedido Gustavo Henric Costa, prefeito da cidade de Guarulhos, atualmente filiado ao PSD (Partido Social Democrático). As cinco fotografias faziam parte da exposição “Universo Feminino - Singular e Plural” (2019), que registravam o ato “Ele não” realizado em São Paulo, contra a candidatura de Bolsonaro. Será que podemos criticar o atual governo? Parece que não, os casos de censura e tentativa de silenciamento crescem, enquanto parte da população e a categoria dos artistas buscam o ato de resistência.



Figura 4. Janaína Reis. Sem título, 2020. Fonte: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

O ato de resistência é “também um ato de arte” (DELEUZE, 1987, p. 294), como forma de uma luta entre as pessoas ou classes, ainda como luta política. Podemos identificar essas lutas quando nos deparamos com casos como da exposição “Independência em Risco”.

O cartunista Latuff é conhecido no contexto nacional por apresentar críticas severas aos governos neoliberais e às mazelas causadas pelo capitalismo. Desde a eleição de Jair Bolsonaro, o artista apresentou uma série de produções artísticas, que demonstravam seu descontentamento com o atual governo e a relação com o governo de Donald Trump. Em 2019, a exposição “Independência em Risco” foi interrompida por expor sua opinião a respeito do presidente brasileiro. Uma das obras consideradas ofensivas mostrava Bolsonaro lambendo os sapatos do presidente dos Estados Unidos, Trump, enquanto servia, em uma bandeja, uma representação do mapa do Brasil. Em entrevista, Latuff afirmou que “o tema da exposição Independência em Risco parece que foi realmente um título muito apropriado para os tempos que estamos vivendo. Não só a nossa independência, a nossa soberania que está em risco, como também algo muito caro às democracias que é a liberdade de expressão”.²⁹



Figura 5. Carlos Latuff. *Sem título*, 2019. Fonte: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

²⁹ Entrevista concedida ao jornal online Sul 21, publicado em 3 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/>.

O ato de resistência deleuziano gera uma “contrainformação”,³⁰ visto que a informação diz respeito ao dispositivo de controle exercido pelos regimes totalitários ou classes dominantes. A obra de arte seria capaz de criar a “contrainformação”, uma espécie de resistência, que tem como objetivo provocar o pensamento crítico da população. Como não se submeter aos discursos absurdos de Bolsonaro e à circulação de *fake news* utilizadas por integrantes do governo e seus aliados, como fez o coletivo “Indecline”, com sua performance/videoarte de resistência. O “Indecline” afirmou ter recebido ameaças após “*Freedom Kick*”,³¹ obra em que pessoas jogam futebol com a réplica da cabeça do presidente Bolsonaro.

A performance/videoarte tem início com uma mulher negra que assiste algo no celular, no qual podemos ouvir trechos de falas de Bolsonaro, demonstrando seu ponto de vista sobre diversos assuntos, como a homoafetividade, a mulher no mercado de trabalho, a cultura como algo pejorativo. Em um momento, o áudio da “*Freedom Kick*” reproduz o presidente ironizando com a seguinte frase: “mas tem muita mulher que é competente”,³² a fala se refere a entrevista cedida ao programa Superpop, da Rede Tv. Na entrevista, ele defende a redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos e opina sobre o salários das mulheres no Brasil, afirmando que “nunca empregaria com o mesmo salário” se estivesse na posição de dar emprego a uma mulher.

Ainda sobre a “*Freedom Kick*”, a performance/videoarte mostra a mulher transitando pela cidade de São Paulo. A performer chega ao cemitério, tira do túmulo um saco e leva para a quadra. Quando a mulher tira do saco a bola

³⁰ A “contrainformação” deleuziana apresenta questões relativas à criação no âmbito da arte e, diz respeito à capacidade da arte de se opor aos sistemas de controle e à criação de resistências através da relação obra de arte e público. Desse modo, a obra de arte carrega em sua “essência” a “contrainformação”, servindo de oposição à ideia de comunicação, visto que transcende/supera esse conceito de circulação de informação. Levando o público ao pensamento crítico e ao impulso de revolta.

³¹ As informações utilizadas neste artigo sobre a obra “*Freedom Kick*” podem ser encontradas no Instagram do coletivo @Indecline.

³² Trecho da entrevista de Bolsonaro ao programa da Rede Tv. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lZZisKgrtWY>>

para o jogo, temos uma réplica da cabeça do Bolsonaro e pessoas de diversas idades e raças jogam futebol com a cabeça dele. São tocadas duas músicas em “*Freedom Kick*”, a saber: “Da lama ao caos”, da banda Nação Zumbi, e “Quando o morcego doar sangue”, de Bezerra da Silva. Em relação a música de Bezerra, enfatizamos as frases que acreditamos serem necessárias para uma reflexão atual sobre a situação da política brasileira e a idealização da “Promessa de um Brasil novo” do cantor, com:

Para tirar meu Brasil dessa baderna

Só quando o morcego doar sangue

E o saci cruzar as pernas [...]

Toda nossa esperança é somente lembrança do passado

A alta cúpula vive contagiada pelo micróbio da corrupção

O povo nunca tem razão, estando bom ou ruim o clima [...]

Já não há alegria de noite e de dia a tristeza não para

A vida custando os olhos da cara

E não temos dinheiro para comprar

Quem governa o país é muito feliz, não se preocupa

Tem tudo de graça, não esquenta a cuca

E o custo de vida só sabe aumentar

“*Freedom Kick*” finaliza com as pessoas que participaram do jogo em pose de foto com a cabeça de Bolsonaro. No texto escrito pelo coletivo “Indecline” na rede Instagram, eles expõem que “a América Latina tem uma história de ditadores. Em particular, a Quinta República Brasileira era conhecida por matar dissidentes. E Jair Bolsonaro é conhecido por seus discursos masturbatórios que esboçam seus sonhos molhados de restabelecer essa política”. O coletivo afirma, ainda, que o presidente ofende os homoafetivos, as mulheres e as pessoas que defendem posicionamento político de esquerda. Os integrantes do “Indecline” terminam a explanação declarando que os oponentes do atual governo, “trazem alegria e movimento à sua resistência que fez de brasileiros como Pelé um ícone em todo o mundo”.

O coletivo faz uma analogia ao futebol, afirmando que “na democracia, a liberdade de expressão é a força esclarecedora que impede os tiranos de escaparem impunes do assassinato [...] déspotas usam o medo para manter suas populações sob controle”. Para eles, assim como no futebol, é possível corrigir erros, reiniciar jogadas e trazer a disputa de um modo que todos tenham oportunidade de participar dos diálogos. A partir de um esforço coletivo, a população unida pode lutar/jogar contra os políticos opressores e “nosso trabalho é chutá-los sem piedade até encontrarmos uma maneira de transformar cada um de nossos esforços individuais em uma vitória da equipe”.



Figura 6. Indecline. *Freedom Kick*, 2020. Fonte: <<https://fotografia.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

Na música, temos o caso de tentativa de censura e repressão à liberdade de opinião a respeito da política brasileira, com a letra de “Micheque”, do grupo Detonautas, em parceria com o humorista Marcelo Adnet. Trata-se de uma exposição bem-humorada dos casos de corrupção do presidente Bolsonaro e sua família, em especial, o episódio envolvendo Michelle Bolsonaro e o

depósito de 89 mil reais em sua conta feito por Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro. Em trecho da música, temos os questionamentos em tom de indignação, com:

Hey, Michelle!
Conta aqui pra nós
A grana que entrou na sua conta é do Queiroz
Hey, Capitão!
Como isso aconteceu?
Levante a mão pro alto
E agradeça muito a Deus

Dessa forma, a música transforma o “ato da fala em um ato de resistência”³³ (DELEUZE, 1987, p. 294), esse episódio pode nos conectar a situações similares que ocorreram no período institucional da ditadura e outras composições censuradas, por exporem situações que os políticos gostariam que fossem ocultadas. Nos serve também, como mais uma fresta de análise sobre a nossa democracia e seus atuais dispositivos de controle.

Considerações finais: o acesso à educação e à “contrainformação”

Afinal, o que faz com que essas práticas de conceitos antagônicos ao regime atual de poder tenham um espaço prévio em algumas instituições artísticas? Como podemos ver, a “Queermuseu” aconteceu no Santander Cultural – uma exposição que tratou de diversas problemáticas em relação a ideias e grupos dissidentes no campo social. Não é de hoje que práticas, pensamentos e ações que expressam outros grupos em ordens de gênero, etnia, classe, sexualidade, etc. são expostas em instituições de arte fomentadas por uma economia bancária. Entretanto, cabe a reflexão de uma suposta inserção da autocrítica no campo artístico. Isso é algo muito explorado pela artista

³³ Para Deleuze, o ato de resistência apresenta duas faces, primeiramente, é o ato da arte, conseqüentemente, é humano com toda sua capacidade de criação e de falha. O “ato de resistência resiste à morte”, estabelecendo a relação com a durabilidade da obra de arte, que resiste ao tempo, quando se torna história da humanidade. Atingindo seu potencial político quando se torna uma “forma de uma luta dos homens”, o discurso impregnado na obra arte (DELEUZE, 1997, p. 294).

Andrea Fraser, em seus escritos (Cf. FRASER, 2008) e em suas intervenções artísticas nos espaços museológicos. A inserção da autocrítica dentro do capital é um bem igualmente lucrativo. A teórica Chantal Mouffe (MOUFFE, 2007, p.59). relata que: “Na atualidade, a produção artística e cultural desempenha um papel fundamental no processo de valorização do capital e mediante a <<novagestão>>, a crítica artística tem sido um elemento importante a produtividade capitalista”

Nesse sentido, qualquer crítica ao capital poderia ser automaticamente recuperada e neutralizada pelo capitalismo. Isso é algo corrente na contemporaneidade, em que muitas instituições bancárias e privadas fomentam a produção de arte com características que tendem a contrainformar o discurso da ordem hegemônica estabelecida.

A autocrítica, apesar de ser analisada muitas vezes como necessária ao funcionamento do capitalismo como uma própria reinvenção de seu conceito (FOSTER, 1996), toca também fronteiras muito instáveis. Em períodos de uma extremidade política marcada, a autocrítica pode sair da bolha de grupos que se identificam normalmente com suas ideias e cair num contexto social geral, em que ela pode ser amplamente massacrada.

Essas obras reuniram aspectos críticos de um âmbito fora do pensamento hegemônico, o que as fez serem censuradas. Elas possuem um potencial tal que fez com que elas saíssem de um grupo habitual na qual essas mensagens comumente reverberam (normalmente, no próprio âmbito da arte contemporânea, em que o público muitas vezes já está habituado com esses tipos de trabalhos) e atingissem um novo patamar discursivo, assim, alcançando outros públicos, que discordavam das ideias colocadas e garantiriam um processo violento de censura.

Todavia, isso foi extremamente interessante ao pensar que esse processo de censura não fora unilateral, pois em muitos casos ele gerou um debate político e uma reação a essa censura. Em meios comunicativos, principalmente na internet, percebemos inúmeras manifestações contrárias em relação a uma volta da censura. Assim, nesse período, podemos ver várias

ações, postulados e reverberações desses atos de censura, em que alguns grupos se posicionam em relação a esse excesso de poder, e criam mais identidades políticas.

A internet, neste sentido, utilizada como um espaço outro, gerou proposições interessantes a essas investidas. A censura dos quadrinhos “Vingadores – A Cruzada das Crianças” gerou prontamente uma reação adversa a esse ato, e essa intervenção lançou no campo discursivo um claro posicionamento de enfrentamento a censura, e uma visão negativa em relação a essa mesma, o que confere um outro efeito ao ato de censurar. O jogo censurador é dúbio e instável, e esse quando não devidamente silenciado, pode criar o efeito contrário, fazendo com que as pessoas se rebelem e se posicionem prontamente em relação ao ato de censura.

Além dessas tentativas de censura nas artes, o governo tentou usar o sistema escolar como forma de oprimir os educadores que buscam uma reflexão honesta e diálogo com os alunos sobre os problemas sociais e as questões políticas. Bolsonaro e seus aliados tentam moldar a sociedade brasileira ao seu modelo ultraconservador, não foi por acaso que ele pediu que os alunos das escolas brasileiras filmassem e denunciasses seus professores, pelo que chamou de “doutrinação ideológica”. Esse episódio deu ainda mais visibilidade ao projeto “Escola sem partido”³⁴, em que o objetivo está na proibição do diálogo sobre questões de gênero, política e religião, indo de oposição ao propósito da escola como local democrático e de construção de conhecimento, um lugar de debate e convivência com as diferenças. Afinal, “seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes

³⁴ Os projetos de lei do Programa Escola sem partido têm a intenção de impor limites na atuação dos professores, de modo que determinados assuntos não sejam discutidos em sala de aula, como temas relativos à política, gênero e religião, por exemplo. Além disso, o movimento Escola sem partido visa expor e denunciar profissionais da área de educação que não sigam as proposições do programa, através da organização com pais e adeptos responsáveis pelo julgamento moral. Notícias sobre o Escola sem partido: o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a inconstitucionalidade de se proibir o diálogo sobre as questões de gênero nas escolas, em Novo Gama em Goiás (abril de 2020); em Alagoas a Lei 7.800/2016 da Escola Livre que seguia as ideias do Escola sem partido que aguardava julgamento definitivo pelo STF, foi retirada de pauta em 2018; o projeto de Lei Escola sem Partido (2019) foi aprovado em uma primeira votação na cidade de Belo Horizonte e, passará por avaliação de emendas em 2020; em julho de 2019, o fundador do movimento Escola sem partido, Miguel Nagib anunciou o fim das atividades com a justificativa de falta de apoio de Bolsonaro. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/>

desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89), assim como perceberem a manipulação de informação feita pelos representantes do governo e das próprias classes dominantes. Para Paulo Freire, a educação deveria ser libertadora de modo que o oprimido compreendesse e encontrasse formas de sair do estado de submissão, com isso mudando sua própria realidade. Acreditamos na educação como uma das maneiras de resistir aos excessos de violência simbólica³⁵ causados pelas instâncias que dominam o Estado, como menciona Bourdieu em seus escritos, do mesmo jeito que o acesso à “contrainformação” pode libertar da condição de ignorância.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro Presidente – Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185-213, São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5615>>. Acesso em: 13 de novembro 2020.

BECK, Mateus. Exposição com charges sobre Bolsonaro é retirada da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. **G1**, Porto Alegre, 03 setembro de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 14 novembro 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAPOBIANCO, Marcela. Secretaria de Cultura suspende exposição perseguida por deputados do PSL. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, 28 fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/>>. Acesso em: 08 novembro de 2020.

CARNEIRO, Júlia Dias. "Queermuseu", a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio. **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 16 agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/>>. Acesso em: 08 novembro de 2020.

DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação. In: DUARTE, Rodrigo. Org. **O Belo Autônomo, textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

³⁵ O conceito de violência simbólica desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, diz respeito a violência de ordem emocional, moral e psicológica, sofrida pelo indivíduo e causada por instâncias legitimadas por hierarquias que foram determinadas através de relações de poder. Desse modo, nos espaços sociais (campo) existem configurações que determinam a atuação e o comportamento de cada indivíduo, estabelecendo limites e pode ser manifestada de forma opressiva, como por exemplo, no sistema escolar incorporadas no discurso dos professores. Para Bourdieu, a “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. (BOURDIEU, 1999, p. 7-8).

FOSTER, Hal. **Recodificação: Arte, Espetáculo, Política Cultural**, São Paulo, Casa Editorial Paulista, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

FRASER, Andrea. Da crítica às instituições a uma instituição da crítica (2005). In: **Concinnitas Revista do Instituto de Artes da UERJ**. Rio de Janeiro, Ano 9, Vol. 2, nº 13, dezembro de 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GOMES, Luís Eduardo. Mônica Leal encerra exposição na Câmara com cartuns sobre Bolsonaro: artistas denunciam censura. **Sul 21**, Porto Alegre, 03 setembro de 2019. Disponível em: <www.sul21.com.br/>. Acesso em: 14 novembro 2020.

JIMÉNEZ, Carla. STF proíbe censura de livros no Rio e dá recado contra discriminação. **El País**, São Paulo, 09 setembro de 2019. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/>>. Acesso em: 8 novembro de 2020.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. **El País**, São Paulo, 13 setembro de 2017. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/>>. Acesso em: 8 novembro de 2020.

MENON, Isabella. Prefeito de Guarulhos manda tirar fotos com 'menção a questões políticas' de mostra. **Uol**, São Paulo, 20 outubro 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 novembro 2020.

MOUFFE, Chantal. **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: MACBA/UAB, 2007.

MOURÃO, Giovanni. Após ação do PSL, prefeitura suspende exposição que traz Virgem Maria com órgão masculino. **Extra globo**, Rio de Janeiro, 29 fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/>>. Acesso em: 8 novembro de 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO/34, 2005.

VIVAS, Fernanda. STF mantém decisão que autorizou exibição de especial de Natal do Porta dos Fundos. **TV Globo**, Brasília, 03 de novembro de 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2020.

Artigo recebido em: 17 de novembro de 2020.

Publicado em: 30 de dezembro de 2020.

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, D. M. de; TARGA, T. S.; COSTA, T. A. A arte resiste à censura? reflexões contemporâneas. **Revista do Colóquio**. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/33402>